



AUTOR(ES): SAMANTHA SOUZA DA COSTA PEREIRA, ANTÔNIO PRATES CALDEIRA, CRISTINA ANDRADE SAMPAIO, DEJEANE OLIVEIRA SILVA e BEATRIZ DA COSTA PEREIRA.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: REFLEXÕES À LUZ DA ANTROPOLOGIA

RESUMO: No século XX o parto institucionalizou-se, passando a ser realizado no contexto hospitalar. Esta institucionalização promoveu a patologização desse evento fisiológico, e a adoção de intervenções que expõem o binômio mãe-filho a uma atenção desumanizada e violenta. A violência obstétrica (VO), abarca uma série de ações deletérias, nas dimensões emocional e física da mulher. A perspectiva ampliada de saúde, não biologicista, aponta para a necessidade de analisar o fenômeno da VO, também, sob a ótica da Antropologia, a fim de compreender este evento desde o seu contexto cultural. A esta premissa, José Carlos Rodrigues acrescenta que as Ciências Sociais devem se ocupar dos estudos voltados ao primeiro patrimônio que o homem possui: o corpo. O Ministério da Saúde do Brasil apresenta os seguintes dados: em 2016, 98% dos partos foram hospitalares, com intensa medicalização, e, destes, 55,4% foram cesáreos. Cabe, então, questionar: teria a cesárea se transformado num traço cultural brasileiro? Portanto, a reflexão, sob um olhar antropológico, permitirá uma dilatação do fenômeno da VO, fugindo de visões reducionistas, fomentando a investigação dessas práticas, o que pode gerar ações e políticas públicas, que evitem a violação dos direitos das mulheres. Objetiva-se, neste ensaio, refletir, sob a ótica da Antropologia, acerca da VO perpetrada em maternidades públicas brasileiras, a partir de dados de pesquisas empíricas realizadas em diferentes momentos da História recente do Brasil. O parto teve, desde tempos antigos, sua importância destacada pelas Ciências Sociais. Os antropólogos Arnold Van Gennep e Robbie Davis-Floyd reportaram-se a ele como um “ritual de passagem”. Para o Theophilos Rifiotis, o fenômeno da violência, engloba, além das realidades concretas, um sistema de classificação e significação para a sua percepção. Examinem-se, assim, as relações de força, tensões, hierarquias, conflito, e as desigualdades sociais/raciais. Neste sentido, Lélia Gonzalez aponta que há uma opressão imposta às mulheres negras, conferindo menos valor aos seus corpos, o que induz o racismo estrutural a expô-las a intensas práticas de VO. Sônia Maluf e Esther Langdon dialogam sobre a importância dos agenciamentos sociais, em torno de partos humanizados. À luz desse raciocínio, tem-se que as violências concreta e simbólica, observadas no parto, despontam como um fenômeno social, presentes nos espaços públicos de saúde, tirando das mulheres o protagonismo deste momento.

PALAVRAS-CHAVE: Parto. Processo parturitivo. Violência obstétrica.

Apoio financeiro: CAPES